

25040
J: 2: K: V

2891

UNIVERSIDADE DE LISBOA

REVISTA
DA FACULDADE
DE LETRAS

1. N. E.
BIBLIOTECA

ARQUIVO DE ESTUDOS DE FILO-
LOGIA, HISTÓRIA, GEOGRAFIA,
FILOSOFIA, PEDAGOGIA E ARTE,
PELOS PROFESSORES E ALUNOS,
— ANTIGOS E MODERNOS —

Tômo VII



N.ºs 1 e 2

LISBOA

1940-1941

Doutor Agostinho José Fortes

Nascido em Mourão a 26 de Outubro de 1869, muito novo veio para Lisboa. Diplomado pelo Curso Superior de Letras, cedo a sua inteligência se afirmou, quer no ensino livre, quer no jornalismo, a que se entregara de alma e coração.

Já nesta primeira fase da vida se revelam com nitidez duas facetas das mais características da sua personalidade: a do educador e a do vulgarizador.

Fundador e director da Escola Estefânia, a actividade docente não lhe prejudicou as lides jornalísticas: no *Mundo*, na *Vanguarda* e noutras fôlhas republicanas deixou variadíssimos artigos. Ao mesmo tempo fazia numerosas conferências (as de sociologia, na Academia de Estudos Livres, em 1900, etc.), com a aspiração de espalhar algumas ideas mais fecundas e assimiláveis entre as camadas populares. As que realizou de 1904 a 1908, em tórno da história de Portugal, tinham um fito bem expresso: «é nossa opinião... que um povo só pode regenerar-se fortalecendo-se com o conhecimento da sua vida histórica...»[†].

Nesta passagem encontramos outra idea que sempre o acompanhou: a da necessidade do esforço colectivo inteligente e ordenado para a resolução dos graves problemas da política portuguesa, idea digna de todo o apoio e simpatia, utópica talvez, mas sedutora.

Em 1904, com Oliveira Ramos e outros, concorreu à cadeira de história antiga, da Idade Média e Moderna, do Curso Superior de Letras.

Aprovado em mérito absoluto por unanimidade, ficou em segundo lugar por mérito relativo.

A dissertação apresentada intitulava-se «O Helenismo ou persistência da cultura helénica através da civilização», e o título indica bem a sua constante preferência pelos assuntos de ordem e interesse gerais.

Votado apaixonadamente à propaganda laica e anti-monárquica, apresentou algumas comunicações nos congressos maçónicos de

[†] Dr. Agostinho Fortes, in *Alexandre Herculano*.

Lisboa e Figueira da Foz (*Plano de remodelação social*, etc.), sustentando com entusiasmo as doutrinas de carácter socialista de certos elementos afectos ao partido republicano.

Proclamada a República, logo em Janeiro de 1911, obtido o parecer favorável do Conselho Superior de Instrução Pública, e por decreto com fôrça de lei, é nomeado professor do Curso Superior de Letras. A sua competência fôra sobejamente demonstrada nas provas de 1904.

Nomeado secretário da Faculdade de Letras de Lisboa, ocupou ininterruptamente êsse lugar de 1911 a 1928. O zêlo e dedicação que demonstrou pela vida e serviços da Faculdade foram notáveis: até altas horas da tarde se conservava na secretaria, pelo próprio punho despachando todo o expediente.

Não afrouxara a actividade do publicista e do político apesar dos novos encargos. Entre outros trabalhos publicara *Os Municípios, confederação das paróquias e a pátria como síntese dos municípios* (1909) e *Alexandre Herculano* — Breve escôrço da vida e obra — (1910). Vereador da Câmara Municipal de Lisboa (1909 a 1913), a êle se deve a junção aos nomes das placas ou letreiros das ruas da cidade das notas biográficas dos homenageados por essa consagração pública. Pormenor ínfimo mas significativo e de acôrdo com o seu desejo de espalhar conhecimentos, de instruir por todos os modos!

¿ Não se intitulava a colecção que dirigiu na casa Gonçalves *Biblioteca de Educação Nacional*? Educar a grei, torná-la mais digna e mais apta a resolver os problemas da existência social, foi o seu fito.

Na tarefa de tradutor revela-nos a preocupação de dar a conhecer um núcleo de livros que servissem de base para qualquer cultura mediana. Se traduziu obras de feição puramente política, também traduziu o *Totemismo*, de Frazer, ou *A origem dos Árias*, de Reinach, para mais não citar.

Durante o tempo que dirigiu a Universidade Livre exerceu um esforço constante para a elevação do nível cultural do povo português, para o qual se voltava constantemente. Até ao fim da existência êsse pensamento o guiou; a última colecção que dirigiu e escreveu foi a da *Enciclopédia Popular* — *Livro do povo e para o povo*.

VIDA DA FACULDADE

Era o sonho da «redenção humana pela própria humanidade...»[†] que o levava ao amor pelo Helenismo...

Na vida pública da Nação exerceu outros cargos além dos citados: chefe do gabinete de Teófilo Braga (Governo Provisório da República); presidente da Junta Geral do distrito de Lisboa (1913 a 1918); Senador; presidente da Câmara Municipal de Oeiras, etc., etc. Aos esforços do doutor Agostinho Fortes (na Junta Geral do distrito) e do engenheiro César J. de Lima Alves se deve a fundação da Escola Agrícola de Paiã.

Mas foi na Faculdade de Letras que mais evidente e duradoura se mostrou a sua acção.

De uma cultura geral muito vasta, podíamos dizer, como de Eduardo Prado disse Eça de Queiroz, que «a qualidade motora da sua vida pensante... era a curiosidade». Curiosidade de saber, de conhecer, tam útil, mas por vezes tam prejudicial quando não sofre limitações, pois forçosamente conduzirá a uma nociva dispersão intelectual, inimiga da profundidade de pensamento.

A sua grande erudição permitiu-lhe reger um sem-número de disciplinas, e decerto ainda nenhum outro professor ensinou tantas e tam variadas matérias: desde a história da pedagogia à numismática, da literatura portuguesa à história das religiões, e quantas mais...

No trato pessoal era duma permanente acessibilidade: sempre pronto a servir os seus alunos e amigos, nenhum o encontrou avêssô ao auxílio pedido.

Foi director da Faculdade de 1931 a 1933, e, por várias vezes, exerceu interinamente as funções de reitor da Universidade de Lisboa (1934 a 1938), por ser então o professor mais antigo do Senado Universitário.

Espírito vivo e atento, talvez o prejudicasse na vida um certo cepticismo amargurado, uma ironia ligeiramente velada, que não lhe permitiu dar a medida exacta dos seus dotes. O esforço despendido em variadas colaborações e trabalhos dispersos foi valioso, mas faltou-lhe decerto a fé na realização duma grande obra

[†] In *O Helenismo*...

em que plenamente se afirmasse: dúvida corrosiva que a tantos assalta e prende os braços e o cérebro, para a acção e para o pensamento...

FERREIRA DE ALMEIDA.

VI Curso de Férias

1939

O VI Curso de Férias realizou-se no Monte Estoril nos dias 1 a 31 de Agosto. Aos cursos e conferências destinavam-se todos os dias úteis, menos a quinta-feira, reservada às visitas de estudo e excursões.

O Curso de Férias teve grande frequência de alunos nacionais e estrangeiros (alemães, ingleses, finlandeses, suecos, americanos de várias nacionalidades, etc.).

O programa foi o seguinte:

1. Solenidades: dia 1 de Agosto, discurso inaugural pelo Prof. Doutor Agostinho de Campos; dia 31 de Agosto, discurso de encerramento pelo Prof. Doutor Mário de Albuquerque.

2. Cursos: A) Língua portuguesa. — I. *Curso elementar para estrangeiros*, Prof.^a Eunice de Moraes Freire. II. *Curso complementar para estrangeiros*, com interpretação de textos, Dr. Joaquim de Abreu Figanier. III. *Curso superior para nacionais e estrangeiros*. Comentários lingüísticos e literários de escritores portugueses. Sumário: origem da língua portuguesa; formação do léxico; o português no espaço e no tempo. Estudo da literatura portuguesa através dos textos. Época medieval: caracteres principais do português arcaico. A prosa: obras dos séculos XII a XIV; as crónicas do século XV—Fernão Lopes e Azurara; obras didácticas, morais, etc. A poesia: cancioneros medievais; os poetas, os géneros, a técnica; provençalismo e poesia de origem nacional. A renovação poética do século XV. Século XVI: Gil Vicente, autor de transição. O Renascimento; humanismo e classicismo. Sá de Miranda—os novos géneros e a nova técnica; os discípulos de Sá de Miranda, especialmente António Ferreira.